

Ano 22 • Número 02 • 20 de janeiro de 2020

Primeira fase do acordo entre EUA e China e perspectivas para o Brasil

Custo do Trabalho volta a subir na indústria do RS

Atividade industrial gaúcha ainda não mostra sinais de retomada

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Primeira fase do acordo entre EUA e China e perspectivas para o Brasil

A primeira fase do acordo entre os EUA e China foi assinada na semana passada. O acordo reduz pela metade as tarifas do equivalente a US\$ 120 bi em mercadorias chinesas. Ainda restam outros produtos que equivalem a US\$ 360 bi de importações americanas que permanecem com tarifas majoradas, o mesmo ocorre com o equivalente a US\$ 100 bi de compras chinesas dos EUA.

Em contrapartida, os chineses prometem comprar ao menos US\$ 200 bi de bens e serviços dos americanos nos próximos dois anos. Em 2018, as exportações dos EUA para a China somaram US\$ 120 bi. Para os produtos agrícolas negociou-se um incremento de R\$ 12,5 bi adicional ao importado em 2017, que foi de cerca de US\$ 24 bi. O volume de 2017 é considerado como base para o acordo, ano pré-intensificação das disputas e retaliação chinesa.

No acordo também constam questões ligadas à direito de propriedade e tecnologia. Por exemplo, Pequim se comprometeu a não forçar empresas americanas a fornecerem informações sobre tecnologia ao se instalarem no País.

Alguns pontos não foram contemplados nessa fase do acordo, com destaque para os subsídios dentro do programa “Made in China 2025”, regulação da atuação da empresa Hauwei, pouca abertura da China às empresas americanas de serviços financeiros, bem

como uma agenda para futuras reduções de tarifas.

Os impactos na economia brasileira são mistos. Por um lado, o acordo deve representar maior avanço da economia mundial em 2020, o que é bastante positivo para o Brasil. Por outro lado, os exportadores de grãos podem ter a sua demanda e preços afetados. Para a indústria, os setores que concorrem no mercado americano podem ver a concorrência aumentar, como é o caso de Couro e calçados e da indústria metalúrgica e de produtos de metal.

No mercado financeiro, o Brasil é visto como uma *proxy* para o crescimento da economia chinesa. Em outras palavras, quando o crescimento do país asiático acelera tende a haver um fluxo positivo de capitais para o Brasil. O acordo pode representar maior crescimento chinês em 2020. Porém, também melhora as expectativas para os EUA. O Dollar Index apresentou valorização de 1,32% no ano, rompendo uma tendência de baixa iniciada em setembro de 2019. Ou seja, a expectativa de acordo tem sido positivo para o Dólar perante às demais moedas. Nesse sentido, a perspectiva é de que o Real permaneça no atual patamar mesmo com uma perspectiva mais positiva para a China. Lembrando que o principal fator para a manutenção do Real em patamar mais desvalorizado é a condução responsável das políticas fiscal e monetária, que possibilitou a queda na taxa básica de juros na economia brasileira.

Custo do Trabalho volta a subir na indústria do RS

A atividade da indústria gaúcha iniciou um processo de desaceleração no crescimento no segundo semestre de 2019, após um primeiro semestre de avanço expressivo, conforme já comentamos em artigos passados ([aqui](#), [aqui](#) e [aqui](#)). Quanto à produção, apesar da queda verificada, os custos associados a ela não caíram na mesma proporção, em especial os relacionados ao fator trabalho.

No terceiro trimestre de 2019, a quantidade produzida pela indústria do RS apresentou queda de 1,5% em relação ao mesmo período do ano anterior, enquanto as horas trabalhadas na produção caíram 1,1% no mesmo intervalo de tempo. Como consequência, a produtividade por hora recuou 0,5%. Por outro lado, na mesma base de comparação, a massa de salários apresentou aumento de 0,4%, já descontados os efeitos da inflação. Levando em conta a já mencionada redução nas horas trabalhadas (-1,1%), o resultado revela aumento de 1,4% no salário médio pago aos trabalhadores.

A combinação de queda na produtividade (-0,5%) e avanço no salário médio (+0,4%) provocou aumento de 1,9% no chamado Custo Unitário do Trabalho (ULC) no terceiro trimestre de 2019 em relação ao respectivo período de 2018, que representa custo médio da mão de

obra para se produzir uma unidade de produto. No Brasil, o resultado foi melhor, com queda de 0,2% do ULC.

Além do indicador em moeda nacional, o custo do trabalho também pode ser calculado em Dólares, visando medir a competitividade da indústria gaúcha no mercado internacional. Nessa métrica, o ULC cresceu 4,8% entre julho e setembro de 2019, principalmente por conta da elevação de 4,3% do salário médio por hora trabalhada medido em Dólares. No Brasil, a elevação do indicador foi de 2,6%.

Em uma economia saudável, os salários devem crescer de acordo com a produtividade da economia, de modo que o indicador de custo do trabalho (ULC) permaneça estável. Não é de hoje que se observa um descolamento entre a evolução da produtividade e dos salários na indústria gaúcha. Desde 2006, o custo do trabalho na indústria gaúcha cresceu 13,3%, revelando que o salário médio em Reais (+29,9%) cresceu acima da produtividade (+14,6%) nesse período. Na medida em Dólares, o desfecho é ainda pior: crescimento de 28,8% do ULC, com elevação de 47,7% do salário médio em Dólares. Esse descompasso é um dos fatores que prejudica a competitividade da indústria gaúcha.

Atividade industrial gaúcha ainda não mostra sinais de retomada

No entanto, a indústria gaúcha deve voltar a crescer na esteira da expansão prevista para a economia brasileira.

Os Indicadores Industriais do RS, pesquisa realizada pela FIERGS, mostraram queda da atividade no penúltimo mês do ano. O Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS) caiu 0,8% em novembro ante outubro, com ajuste sazonal. Nessa base, o IDI/RS evidencia também uma fase de declínio, iniciada no segundo semestre, que o coloca, em novembro de 2019, nos mesmos patamares de março do ano passado.

A tendência negativa do IDI/RS é corroborada pela média móvel trimestral, usada para diminuir a volatilidade mensal (com ajuste), que caiu 0,6% em novembro, mostrando queda desde julho de 2019.

O índice de atividade leva em conta seis componentes e nenhum mostrou alta no mês. Foram negativos os desempenhos das compras industriais (-8,4%), do faturamento real (-2,5%), da massa salarial real (-0,4%) e da utilização da capacidade instalada-UCI (-0,6 p.p. e grau médio de 81,2%). As horas trabalhadas na produção e o emprego ficaram estáveis.

Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, o IDI/RS caiu 3,5% em novembro. Também nessa métrica, são cinco quedas nos últimos seis meses, o que levou à desaceleração do crescimento no ano, que chegou a 3,9% em maio, para uma quase estagnação de 0,4% em novembro, com altas restritas aos indicadores de faturamento real (+3,5%) e UCI (+1,0 p.p.). O emprego (+0,1%) ficou estável e os demais componentes caíram: compras industriais (-2,3%), horas trabalhadas na produção (-0,4%) e massa salarial real (-0,6%).

No acumulado de janeiro a novembro de 2019, chama atenção o perfil disseminado de resultados negativos, com 10 setores em queda dos 17 pesquisados ante o mesmo período de 2018. A atividade da indústria gaúcha no ano é sustentada, basicamente, por Veículos automotores (+9,6%) e, em menor medida, por Couros e calçados (+4,5%) e Equipamentos de informática e eletrônicos (+7,6%). No lado negativo, Químicos e derivados de petróleo (-1,3%), Máquinas e equipamentos (-5,2%), Têxteis (-6,0%), Metalurgia (-7,7%), Vestuário e acessórios (-8,1%) foram os destaques.

Os Indicadores Industriais do RS de novembro mostraram que o setor perde fôlego e, até o momento, segue sem resposta à queda da taxa básica de juros e à alta demanda doméstica. Uma parte disso é devido à crise argentina, um dos principais parceiros comerciais da indústria gaúcha.

No entanto, a Sondagem Industrial, também da FIERGS, mostra que os empresários já percebem melhora e estão otimistas com o futuro da economia e da demanda pelos seus produtos. Há razões para isso: a queda nas taxas de juros e o avanço das reformas.

Nesse sentido, a indústria gaúcha deve voltar a crescer, na esteira da alta prevista para a economia brasileira, em especial, dos investimentos. As incertezas continuam sendo o mercado internacional e a Argentina.

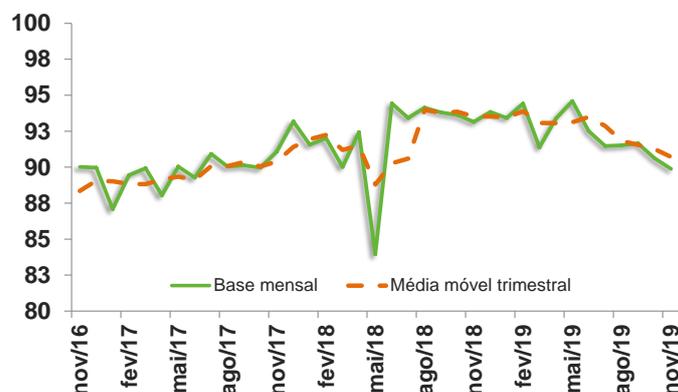
Indicadores Industriais do Rio Grande do Sul

(Variações em % – novembro de 2019)

	Variação %		
	Mês anterior*	Mês ano anterior	Ac. ano
Índice de desempenho industrial	-0,8	-3,5	0,4
Faturamento real	-2,5	-2,0	3,5
Horas Trabalhadas na produção	0,0	-2,8	-0,4
Emprego	-0,1	-0,5	0,1
Massa salarial real	-0,4	-0,7	-0,6
UCI (em p.p.)	-0,6	-0,6	1,0
Compras Industriais	-8,4	-13,3	-2,3

Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS)

(Índice base fixa mensal: 2006=100 e Média móvel trimestral)



OBS: Séries dessazonalizadas.

Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS – Setorial

(Variação janeiro-novembro 2019/18 – %)



Fonte: UEE/FIERGS.